

*
* *

BASTIDE (Roger). — *Le rêve, la transe et la folie*. Paris. Flammarion. Nouvelle Bibliothèque Scientifique dirigée par Fernand Braudel. 1972. 263 pp. Preço: 35 F.

Muitas vezes comparou-se o sonho com a loucura e o transe místico com os fenômenos da histeria.

Si as diferenças que os separam, entretanto, são mais importantes que as similitudes, não é menos certo que, nesses três casos, penetramos num outro mundo. Durante séculos, o louco, a mulher em transe, o sonhador, foram considerados como os intermediários privilegiados entre o mundo do sobrenatural e o da natureza.

A sociedade ocidental quis romper esses canais de comunicação. O sonho foi controlado. A Igreja desconfiou dos seus místicos. As doenças mentais sofreram um “deslocamento”: deixaram o indivíduo, vítima, para tornarem-se doenças da sociedade, agressivas e repressivas.

Apesar de tudo, ao tentar-se reduzir os três fenômenos estudados neste livro a fenômenos naturais, o sentimento de estranheza permanece. Porque?

Roger Bastide, a partir de um grupo étnico preciso (os negros do Brasil), procurou responder a essa questão e a encontrar, no trato de um certo tipo de homem, o sentimento universal da fragilidade da razão, sempre prestes a sossobrar nos abismos noturnos.

E. S. P.

*
* *

VERGEZ (André) e HUISMAN (Denis). — *História dos Filósofos*. Tradução de Lélia de Almeida Gonzalez. Livraria Frcitas Bastos. Rio de Janeiro. 1970. 450 páginas.

Parece difícil, à primeira vista, fazer um julgamento objetivo sobre essa obra, já que ela se fundamenta e se alimenta da contradição. A idéia principal do livro, que o informa, é a de que “o estudo da filosofia é inseparável dos textos dos filósofos” (pág. 5, prefácio, redigido por F. Alquié). Se essa é a idéia de sustentação da obra, a ela corresponde um contrasenso fundamental: há textos em demasia. Por serem muitos, são muito curtos. Sendo curtos, não podem pretender se manter como uma espécie de guia que servisse para facilitar o acesso à filosofia. Nesse livro de textos, os textos são acidentais, meros apelos pretensamente pedagógicos, antes que pontos de partida para um sempre desejado despertar filosófico.

Não obstante, a idéia básica do livro parece inteiramente válida, embora seja fácil reconhecer que os seus autores foram demasiadamente pretenciosos. Em verdade, o que apresentam é uma “história da filosofia” do tipo tradicional, onde em poucos parágrafos se fala resumidamente sobre o “sistema” de determinado filósofo. Em seguida, e aqui residiria a novidade, pretendem “ilustrar” seu esboço com pequenos trechos, retirados da obra do filósofo focalizado.

A pretensão da obra é ser útil aos principiantes nos estudos filosóficos, isto é, aos alunos do curso colegial, que se encontram, potencialmente, no limiar das universidades, e, também, àquêles que acabaram de nelas ingressar. Essa pretensão de utilidade se baseia no contacto direto desses estudantes com os grandes autores da filosofia, contacto considerado “indispensável”. Mas o que salta aos olhos, a partir daí, é que o livro não é dirigido a esses potenciais leitores, os estudantes, mas sim aos seus professores de filosofia: visa a facilitar-lhes a tarefa da busca e apresentação de textos filosóficos. “O que faltava, o que nossos colegas de há muito reclamavam, era uma obra que fôsse ao mesmo tempo uma história da filosofia (de uma extensão e de um estilo acessível aos iniciantes) e uma coletânea dos grandes textos, uma obra de iniciação em que os textos fôssem situados no seu contexto histórico, a fim de que a leitura e o comentário fôssem facilitados” (pág. 10).

Ora, se partirmos de uma concepção simples, que vê no ensino da filosofia no curso colegial a finalidade de preparar o aluno para, pensando por si mesmo acerca dos temas fundamentais da existência, ingressar finalmente no mundo dos adultos, percebemos que o livro pouco contribui para a efetivação dessa tarefa. Pelo contrário, pela forma com que foi organizada a apresentação dos textos, a presente obra talvez até ajude a manter aquele conceito popular, segundo o qual a filosofia não passa de um “jogo de idéias”, altamente subjetivo, e que pode, quando muito, produzir certo inefável delírio espiritual naquêles que filosofa, mas que para nada mais serve.

Dessa forma, a obra se reveste, paradoxalmente, do caráter mais anti-pedagógico possível, que nos leva à explicação da pretenciosidade de seus autores.

Esse seria o contrasenso mais geral, o principal da obra. Mas há outros. A parte “A” da Introdução é excelente, o ponto alto desse livro. Ai se procura explicar, com apóio em nomes como os de Gusdorf, Gouhier, Guérault, e outros, as relações que um sistema filosófico guarda com a história da filosofia. O sentido da noção de progresso em filosofia, as “leituras” de tipo sociológico ou psicológico, as relações que filosofia, arte e ciência guardam entre si são, entre outros, alguns tópicos abordados nessa parte, de grande utilidade aos alunos dos cursos colegiais.

Já a parte “B” da Introdução, onde os autores procuram explicar como se deve interpretar um texto, é menos interessante. Tal fato não advém propriamente do conteúdo dos comentários, mas sim do exemplo utilizado, que já começa a exibir

a falta de cuidado, de objetividade, com que os textos foram tratados nessa obra. Um pequeno trecho do primeiro parágrafo da Segunda Meditação cartesiana não é, em verdade, um texto bem escolhido. Para exemplo deveria ser utilizado um texto maior, e a interpretação propriamente dita deveria ser explorada com variantes em algumas páginas, pois é de se pressupor que os autores estão ensaiando com o leitor o trabalho a ser feito no restante da obra. Era de se esperar, portanto, um comentário exaustivo.

Após essa Introdução, entra-se em contacto com a obra em si mesma, organizada sob o critério cronológico: desde o capítulo “Platão” até o capítulo “Filosofia Contemporânea”, passamos sucessivamente pelos capítulos “Aristóteles”, “Pós-socráticos”, “Neoplatonismo”, “Filosofia Cristã”, “O nascimento do pensamento moderno”, “A filosofia de Descartes”, “Os cartesianos”, “Pascal”, “Os empiristas ingleses do século XVII”, “A filosofia francesa do século XVIII”, “A filosofia inglesa do século XVIII”, “A filosofia de Kant”, “O idealismo pós-kantiano”, “Augusto Comte”, “O socialismo”, “Filosofia pessimista e filosofia trágica”, e, finalmente, “O espiritualismo francês nos séculos XIX e XX”.

Em cada um desses capítulos é esboçado rapidamente um “esquema” das idéias principais de três ou quatro representantes, esquema seguido pelos textos, cujos critérios de escolha não são perceptíveis. Ao final de cada capítulo, podemos encontrar uma bibliografia, pequena mas de nível universitário, relativa aos filósofos nele tratados. Os textos, razão de ser do livro, são, em sua maioria, demasiadamente curtos para permitir um bom seminário, sendo comum não possuírem ponto algum de sustentação para o leitor, na medida em que são retirados arbitrariamente de um contexto mais amplo e significativo. Por serem curtos, fogem ao próprio espírito que presidiu a organização do livro, levando em consequência a obra a perder em objetividade.

Alguns exemplos ilustrarão melhor essa afirmação. Tomemos, por exemplo, o capítulo sobre Platão. Aí encontramos, após a apresentação das idéias básicas do filósofo, um texto do diálogo Ménon sobre a virtude; o discurso de Glauco sobre a justiça (constante do livro segundo da República); o “mito da caverna”, retirado também da República; e, por fim, um texto do diálogo Górgias, sobre a vida moral. Antes de mais nada, registre-se que, contrariamente ao que pretendem seus autores, tais textos não podem ser úteis aos que acabaram de ingressar nas universidades, porque falta a citação rigorosa de onde o texto foi retirado, o que, parece, impede um verdadeiro seminário universitário. Nem se fale, por desnecessário, no tamanho, por exemplo, dos textos do Ménon e do Górgias. Conclusão, para o caso desse capítulo: o livro só pode prestar algum serviço aos professores do colégio. Tal conclusão pode ser generalizada para quase todos os demais capítulos, às vezes com maior fundamento.

Mas, então, dever-se-ia levar em conta o sentido que a filosofia deve representar para os alunos do curso colegial. No caso de Platão, por exemplo, não bastaria apresentar o mito da caverna, com toda a rica simbologia que lhe é inerente? Uma análise séria, rigorosa, desse famoso trecho de Platão situaria, para o professor do colégio, um núcleo pelo qual introduziria os alunos à filosofia (não necessariamente platônica).

Como no caso de Platão, poder-se-ia colocar em questão o critério da escolha do texto usado para cada um dos autores apresentados. Camus, por exemplo, é representado por um pequenino parágrafo do “mito de Sísifo”. Ora, tal texto é relativamente curto, ocupando aproximadamente três páginas, de uma beleza extraordinária, e altamente significativo para ilustrar uma das facetas pelas quais o pensamento contemporâneo se nos apresenta. Por que, então, mutilá-lo?

Um livro de textos para seminários filosóficos, que pudesse ser usado nos colégios e universidades, deveria conter apenas textos, sem comentários que pudessem orientar a interpretação por parte dos estudantes. E os textos deveriam ser organizados por assuntos, antes que por épocas históricas, com a rigorosa citação das fontes. Além disso, cada texto deveria preencher umas poucas páginas, de modo a deixar transparecer os encadeamentos de raciocínios.

Querendo servir simultaneamente ao colégio e à universidade, pretendendo ser geral (apresentando o esquema do sistema do filósofo) e particular (apresentando o texto) ao mesmo tempo, a História dos Filósofos é um livro frustrado e frustrador. Perde muito a filosofia. Nós, quando muito, podemos perder a calma.

PAULO ROBERTO MOSER

*

*

*

ESAÚ (Elias) e PINTO (Luiz Gonzaga de Oliveira). — *História do Brasil (Para Estudos Sociais)* 1º Volume, Edição Saraiva, São Paulo, 1972. Formato 16 x 24 cm, Capa plastificada, 199 páginas, 250 ilustrações, gráficos e cada unidade acompanhada de uma “linha do tempo”.

É uma satisfação, vermos acrescida a plêiade de historiadores por gente jovem, apresentando História do Brasil para os nossos estudantes da 5ª Série do Ensino de 1º Grau (antiga 1ª Série Ginasial).

A partir das capas, que é criação artística de Joel Linck, os autores tiveram acurado trabalho de estudar uma “linha do tempo”, mostrando de forma inteligente a maneira de abordarmos uma história não puramente factual, e sim, vivida no dia a dia.